

Bernardo de Vasconcelos e Sousa,
Fernando Vieira da Silva
e Nuno Monteiro

**O «LIVRO DAS DESPESAS DO PRIOSTE»
DO CABIDO DA SÉ DE ÉVORA (1340-1341)**

Separata da Revista de História Económica e Social
1982

O *Livro das Despesas do Prioste* da Sé de Évora é um dos mais antigos registos contabilísticos conhecidos em Portugal¹, já que a prática de neles se utilizar o papel deve ter levado à deterioração da grande maioria. No caso vertente, estamos perante um exemplar por acaso escapado à voragem do tempo, mas que constitui, por si só, a prova de uma prática corrente, ao menos em instituições mais bem organizadas e com uma administração complexa. Temos, com efeito, vários indícios de que assim aconteceu no cabido da Sé de Évora em meados do século XIV.

Trata-se de um livro composto por dois cadernos, com 52 folhas de papel, numeradas de 1 a 45, em que se verifica a falta das seguintes: 2 entre as fls. 8 e 9; 1 entre as fls. 13 e 14; 2 entre as fls. 24 e 25, e 1 entre as fls. 42 e 43. A primeira folha — com título ilegível — não está numerada e, quer pela verificação das somas, quer porque a folha que falta entre as fls. 42 e 43 está semi-rasgada e não tem qualquer assento, presumimos que as folhas que faltam estariam em branco, até porque se localizam entre o final de um título e o início de outro.

A disposição dos assentos está feita, no primeiro título, geralmente com quatro assentos por página, sendo esta dividida ao meio segundo um eixo vertical marcado com um traço no próprio *Livro* e colocando-se o segundo assento por baixo do primeiro e o terceiro ao lado do primeiro. Nos restantes títulos os assentos dispõem-se à largura da página, nem sempre correspondendo a cada item um parágrafo no original (na transcrição estabelecemos, regra geral, a correspondência entre item e parágrafo).

Se bem que não haja alinhamento dos valores numéricos à direita de cada página — como se verifica, por exemplo, nos *Livros de Aniversários* do século XV por nós consultados² —, existe a preocupação de destacar as somas parciais através da feitura de parágrafo e ou por meio de uma guarda, havendo igual

¹ H. B. Johnson, «Les comptes d'un hôpital portugais—1379-1383», in *Études Rurales*, 51 (1973), pp. 67-84.

² Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC-4-XV e CEC-4-XVI.

procedimento para as somas finais de cada título. Nas somas parciais de uma determinada despesa o montante declarado é, frequentemente, superior à soma das várias parcelas registadas, o que faz supor que a partir do assento da despesa em causa se tentaria desdobrar as parcelas dos diferentes gastos que concorriam para tal despesa, ficando sempre por especificar algumas das parcelas.

Ao longo do *Livro* existem profusos sinais de verificação, de que se destacam as expressões «Certa» e «Há vera», colocadas antes ou após as somas paginais, para além de sinais gráficos que, eventualmente, representam o confirmar das operações. Ainda a este respeito são visíveis sinais de remissão interna, sinais esses com forma semelhante a uma mão apontada para certos assentos.

Todo o *Livro* é escrito pelo prioste Lope Esteveenz Gaviam. Salvo raríssimas excepções, os assentos são anotados imediatamente após a ocorrência da despesa, o que é atestado pelo respeito da ordem cronológica seguida no anotar dos itens. No mês de Junho de 1341 os assentos são feitos por uma ou mais pessoas, que não o prioste, por este se haver ausentado em visita a uma herdade.

De entre as múltiplas informações fornecidas por esta fonte salientamos as que dizem respeito a preços e salários, pela sua importância óbvia. Com efeito, apesar da bem conhecida importância histórica destes dados, são quase inexistentes em Portugal as recolhas de séries medievais, constituindo uma das mais notáveis excepções a dos preços do trigo elaborada por Oliveira Marques para um longo período, que vai do século XII a 1504³.

É como contributo para uma lista a elaborar que em seguida trabalharemos as referências a preços e salários contidas no *Livro das Despesas do Prioste*.

Os preços referidos escalonavam-se entre São João (24 de Junho) de 1340 e idêntico dia de 1341, abarcando, portanto, um ano económico como ele se ia geralmente praticado pela administração senhorial da época.

Nem todos os produtos são mencionados num número suficiente de vezes para se poderem obter preços anuais médios. Mas, em geral, os mesmos valores repetem-se, em Évora e nas vilas dos arredores, em datas diferentes, reforçando a ideia de um «bom ano», logo de fracas oscilações sazonais, e da representatividade para o conjunto regional dos valores encontrados.

No caso das despesas com azeite (para lâmpadas) há aparentemente uma oscilação de preço, mas uma observação detalhada faz pensar, afinal, que o preço praticado é constante. Excluindo os primeiros 49 dias em que a anotação foi irregular e os últimos 17 em que o consumo foi alterado acidentalmente, realizaram-se 45 aquisições, em intervalos variáveis entre 6 e 9 dias:

Intervalo de aquisição (a)	Número de aquisições (b)	(a) X (b)
6 dias	9	54
7 dias	29	203
8 dias	3	24
9 dias	2	18
Soma	43	299

³ A. H. de Oliveira Marques, *Introdução à História da Agricultura em Portugal*, 2.ª ed., Lisboa, 1968, pp. 209-211.

gastando-se nesses 299 dias 13 libras, 7 soldos e 4 dinheiros, assim distribuídos:

Gasto (a)	Número de aquisições (b)	(a) X (b)
5 soldos e 10 dinheiros	9	52 soldos e 6 dinheiros
6 soldos	4	24 soldos
6 soldos e 3 dinheiros	22	137 soldos e 6 dinheiros
6 soldos e 8 dinheiros	8	53 soldos e 4 dinheiros
Soma	43	267 soldos e 4 dinheiros

Em média efectuou-se, portanto, uma aquisição cada 7 dias, na qual se gastou 6 soldos e 3 dinheiros. Ora, é justamente essa a única quantia que no texto vem referida a uma quantidade (2 púcaros e meio) e também a que maior número de vezes ocorre. O preço de 2 soldos e 6 dinheiros por púcaro (medida cuja equivalência se desconhece) deve, portanto, corresponder a um preço constante, eventualmente resultante de um contrato de fornecimento por certo prazo, em condições previamente acordadas. Somente neste caso se verifica tal circunstância.

Apesar de copiosas (13 casos) referências a pão, só três casos permitem um cálculo de preço, circunscrito ao mês de Dezembro, mas idêntico em Évora e nos arredores.

Não sabemos, contudo, que peso e que qualidade de farinha comporiam este pão de 2 dinheiros.

O vinho vendia-se a almudes e meios almudes, de cuja sisa recaía ao consumidor 1 soldo por almude, independentemente do preço de venda. Na venda a retalho encontra-se referência à «ferrada», estimável em 1,76 l a 2,25 l⁴. Recolheram-se as seguintes menções a vinho:

Data	Local	Quantidade	Preço	Sisa	Referência ⁵
29-8	Évora	1 ferrada	2 soldos	—	C-2
9-7	(?)	1 almude	16 soldos	1 soldo	C-10
9-7	(?)	1 almude	20 soldos	1 soldo	C-10
12-7	Benamoreique	1 almude	16 soldos	1 soldo	C-15
12-7	Idem	1 almude	20 soldos	1 soldo	C-15
31-7	Espinheiro	1 almude	16 soldos	1 soldo	C-18
31-7	Idem	1 almude	20 soldos	1 soldo	C-18
3-12	Évora	1 almude	11 soldos	(?)	C-41
3 a 12-12	Idem	1 almude	11 soldos	(?)	C-41
13 a 16-12	Alcorvisca	1 almude	11 soldos	(?)	C-44
21-12	Évora	1 almude (?)	10 soldos	(?)	C-45
30-12	Évora-Espinheiro	1 almude	16 soldos (?)	1 soldo (?)	C-49
26 a 31-1	Alcorvisca	1 almude	16 soldos	1 soldo	C-50
26 a 31-1	Idem	1 almude	10 soldos e	1 soldo	C-50
26-2	Évora	1 almude (?)	17 soldos	(?)	C-51

⁴ Supondo o preço de 16 soldos o almude e o almude de 14 l a 18 l.

⁵ A letra designa a ordem do título (exemplo: C = título dos mandamentos do cabido e das despesas) e o número a ordem de localização do assento dentro do respectivo título.

⁶ Vinho «para a companhia».

O preço oscilava com a qualidade e com a época do ano, mas não com o local, tanto quanto os números o deixam ver. Dado as referências ao preço de 11 soldos e 17 soldos não mencionarem sisa, o quadro poderá parecer impossível de interpretar; mas se se considerarem os valores resultantes da subtracção do imposto (respectivamente 10 soldos e 16 soldos) e notar que o vinho de 10 soldos («para a companhia») já sem sisa não especifica a quantidade, torna-se possível avançar uma hipótese. Assim, em Junho e Julho distinguem-se dois preços, 20 soldos (branco?) e 16 soldos (tinto?), consideravelmente elevados em relação à época conseqüente à nova colheita, cujos preços serão, respectivamente, de 16 soldos e de 10 soldos. Que o vinho consumido pelos serviçais dos cónegos não seria o de primeira qualidade é lógico e o texto o afirma; mas não é possível dizer qual ele seria ou a que nível se situaria o seu preço⁷.

Os exemplos de preços de carnes que o texto fornece não permitem observar as variações que ao longo do ano ocorreriam, nem são em rigor representativas para o ano económico de 1340-1341:

Data	Local	Quantidade	Preço	Referência
Vaca				
9-6	(?)	1 arroba (11 kg)	11 soldos e 3 dinheiros	C-10
12-6	Benamoreique	1 arroba (11 kg)	11 soldos e 3 dinheiros	C-15
13-12	Alcorvísca	1 arroba (11 kg)	11 soldos e 3 dinheiros	C-44
26 a 31-1	Alcorvísca (?)	1 arroba (11 kg)	12 soldos e 6 dinheiros	C-50
Carneiro				
9-7	(?)	1 animal [20 kg (?)]	19 soldos e 6 dinheiros	C-10
12-7	Benamoreique	1 animal [20 kg (?)]	18 soldos	C-15
31-7	Espinheiro	1 animal [20 kg (?)]	18 soldos	C-18
Porco				
3-12	Évora	1 animal	3 libras	C-41
21-12	Évora	1 animal	3 libras	C-45
Capoeira e caça (?)				
9-7	(?)	6 frangos	10 soldos e 8 dinheiros	C-10
3-12	Évora	6 galinhas	20 soldos e 8 dinheiros	C-41
13 a 16-12	Alcorvísca	6 galinhas	18 soldos	C-44
21-12	Évora	2 galinhas	8 soldos	C-45
9-7	(?)	1 pato	3 soldos e 6 dinheiros	C-10
26 a 31-1	Alcorvísca (?)	2 coelhos	2 soldos e 4 dinheiros	C-50

⁷ Estas oscilações são, aparentemente, mais vigorosas que as encontradas por E. J. Hamilton, *Money, Prices, and Wages in Valencia, Aragon and Navarre, 1331-1500*, Philadelphia, 1975 (1.ª ed., 1936), p. 45 para Valência.

Aceitar-se-ão, contudo, estes preços a fim de os comparar com os preços de carne que o concelho de Évora tabelou em 1382⁸:

1 arrátel (0,340 kg) — 6 dinheiros	(= 1 arroba — 16 soldos e 6 dinheiros)
1 arrátel (0,340 kg) — 4 dinheiros	(= 1 arroba — 11 soldos)
1 arrátel (0,340 kg) — 1 dinheiro	(= 1 arroba — 2 soldos e 9 dinheiros)

Avaliando grosseiramente o peso da carne de um carneiro em cerca de 20 kg e a de um porco de 60 kg a 200 kg e supondo, portanto, que os preços de 1340-1341 se referem à carne dos animais e não a estes, chega-se ao seguinte quadro comparativo⁹:

	1340-1341	1382
1 arroba de vaca	11 soldos e 3 dinheiros	16 soldos e 6 dinheiros
1 arroba de carneiro	10 soldos e 2 dinheiros	11 soldos
1 arroba de porco	Entre 6 soldos e 7 dinheiros e 11 soldos	2 soldos e 9 dinheiros

A disparidade de evolução dos vários tipos de carne não pode, evidentemente, explicar-se por factores de âmbito geral, como o seriam a depreciação monetária ou as modificações da oferta e procura globalmente consideradas. Só um estudo detalhado poderá esclarecer que mudanças de preferências por parte do público consumidor e, por outro lado, no interesse dos criadores de gado alterou o valor relativo das várias carnes, no sentido do encarecimento para a vaca, da baixa para o porco e quase não alterando a do carneiro. Deixando, por ora, de lado a possibilidade de o tabelamento de 1382, pela sua própria natureza, se poder afastar consideravelmente dos preços correntes, pode adiantar-se a hipótese de entre a primeira e a segunda metade do século XIV se ter verificado um importante aumento da criação de gado ovino e, em especial, suíno.

O quadro seguinte sintetiza as aquisições de peles, utilizadas para suporte de escrita, e os preços unitários praticados. Registaram-se 11 operações realizadas ao longo de todo o ano, envolvendo 47 peles de qualidade e dimensões irregulares, numa despesa total de 5 libras, 1 soldo e 10 dinheiros.

Um tratamento estatístico indicará como preço normal de uma pele 2 soldos (média de 2 soldos e 2 dinheiros, moda e mediana de 2 soldos). Na realidade, deviam encontrar-se dois grupos distintos de preços, gravitando talvez em função da quantidade comprada, um em torno dos 2 soldos e outro dos 3 soldos, presumindo que se compravam todas as peles já preparadas para a escrita.

⁸ Cf. Gabriel Pereira, *Documentos Históricas da Cidade de Évora*, I parte, Évora, 1885, p. 134

⁹ Cf. sobre o peso dos animais exemplos de valores medievais e modernos em Slicher van Bath *Historia Agraria da Europa Occidental (500-850)*, tradução do holandês, Barcelona, 1978, tabela IV

Data	Qualidade	Gasto	Quantidade	Preço	Referências
24-7	Carneiro	18 soldos e 6 dinheiros (?)	12	1 soldo, 6 dinheiros e 1 m.	D- 1
19-7	(?)	11 soldos	5	2 soldos e 2,4 dinheiros	D- 5
18-8	Carneiro	2 soldos	1	2 soldos	D- 8
16-10	(?)	8 soldos	4	2 soldos	D-22
4-3	(?)	1 soldo e 8 dinheiros	1	1 soldo e 8 dinheiros	D-61
22-3	(?)	9 soldos	3	3 soldos	D-63
30-3	(?)	3 soldos	1	3 soldos	D-64
2-4	(?)	3 soldos	1	3 soldos	D-66
11-6	(?)	1 libra e 6 soldos	13	2 soldos	D-67
11-6	(?)	3 soldos	1	3 soldos	D-78
17-6	(?)	15 soldos (+ 1 soldo e 8 dinheiros)	5	3 soldos	D-83

Como é imediatamente visível, as aquisições de peles agrupam-se em dois períodos claramente delimitáveis: o Verão de 1340 e a Primavera-Verão de 1341, e assim sugerem uma relação com a prática da transumância.

Já com as compras de papel, a distribuição ao longo do ano parece só comandada pelas necessidades de consumo por parte do cabido, o que em todo o caso poderá testemunhar uma relativa facilidade da sua aquisição na cidade. Os preços de Inverno serão uns 20 % a 40 % mais elevados que os do Estio, ou porque o papel fosse importado, e neste caso a maior dificuldade do trânsito no Inverno explicaria a diferença, ou porque, embora produzido localmente, a falta de sol na estação elevasse os custos de produção.

Data	Quantidade	Gasto	Preço	Referência
24-6	3 mãos ¹⁰	15 soldos	5 soldos	D- 1
26-10	2 mãos	14 soldos	7 soldos	D-23
12-2	1 mão	6 soldos	6 soldos	D-34
22-4	2 mãos	10 soldos	5 soldos	D-68
5-6	2 mãos	10 soldos	5 soldos	D-76
11-3	1 mão	5 soldos	5 soldos	D-78
11-8	1 mão	5 soldos	5 soldos	D-79

Finalmente, podem ainda incluir-se neste capítulo dedicado a preços os custos de alguns serviços, que não justificariam por si só um tratamento à parte.

As «azemelas» ou «bestas de carga», várias vezes referidas no texto, podiam ser alugadas por 5 soldos por dia. Calculava-se o custo diário da sua alimentação em cevada (o que seria só uma parte) em 2 soldos e 4 dinheiros.

Os vários escritos, necessários à complexa actividade económica e judicial em que o cabido se encontrava permanentemente envolvido, eram obtidos junto dos tabeliães, que, nalguns casos, chegam a integrar-se na comitiva dos cônegos

¹⁰ 1 mão igual a 25 folhas.

que em grupo vão fazer visita a uma herdade. No total, são referidos nas páginas do *Livro das Despesas do Prioste* 73 documentos de que conhecemos o custo, mas a actividade do cabido durante o ano deve ter dado origem a um número muito maior. Os preitos judiciais estiveram na origem da maior parte destes documentos: 25 «estormentos» e 19 «procurações»; seguem-se depois as questões económico-administrativas; 18 cartas de emprazamento e 3 de aforamento; finalmente, vêm os «trelados», em número de 8. Em média o cabido gastou cerca de 5 soldos e 9 dinheiros em cada um destes documentos. Normalmente, a carta de aforamento e a de emprazamento custavam 4 soldos, os trelados eram de preço muito variável (de 2 soldos a 20 soldos) e em média mais caros (7 soldos), as procurações rondavam os 4 soldos (moda e mediana) ou 5 soldos (média) e, por último, os instrumentos judiciais podiam custar cerca de 6 soldos e 6 dinheiros (média), embora muitas vezes diferissem grandemente para mais e para menos.

As referências a salários no *Livro das Despesas do Prioste* dizem respeito a trabalhadores da construção habitacional (mestres e serventes), a funcionários do cabido e a homens sem qualificação especial que desempenharam funções de guarda em propriedades do cabido.

O mesteiral construtor de casas era contratado para a realização de uma empreitada, em que trabalhava com ferramentas próprias e acompanhado dos seus serventes, mas tendo os materiais necessários sido adquiridos directamente pelo cabido. Toda a paga por ele recebida respeitava, pois, ao seu trabalho e ferramentas. O seu salário era diário — denominava-se «jornal» — e integralmente monetário (dizia-se «sem governo»). Em alguns assentos não se encontra esta última expressão, mas como não se diz que fosse também devido alimento, o caso continua a ser de pagamento em numerário.

Um reparador de tectos e telhados auferia de 9 soldos a 10 soldos. Os mestres que se ocupavam de portas e sobrados eram pagos a 8 soldos ou 8 soldos e meio. Pedreiros, carpinteiros e construtores de paredes em pedra e cal ganhavam de 7 soldos a 7 soldos e meio.

Os rendimentos anuais que se inferem destas jornas (computando em 250 o número anual de dias de trabalho)¹¹ vão de 56 1/4 a 125 libras. Mesmo admitindo que a este provento se venham juntar os produtos de alguma parcela de terra, o montante resultante continuará a situar o seu possuidor nos estratos médios da peonagem¹².

Os serventes eram pagos sensivelmente por metade do que recebiam os mestres com quem eram engajados. Em média, o cabido despendeu por cada

¹¹ Cf. O. Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da Vida Quotidiana*, 3.ª ed., Lisboa, 1974, pp. 146-147.

¹² Cf. O. Marques, artigos «Acontiadós» e «Cavaleiro Vilão» no *Dicionário de História de Portugal*.

dia de trabalho de um servente 4 soldos¹³. No máximo a jorna de um servente era de 4 soldos e meio (conserto de telhado e tecto), mas podia descer tanto como 2 soldos (numa reparação de paredes com pedra e cal).

Pelos fins do século XIV as almotacarias de Évora costumavam distinguir salários de 1 de Janeiro até à Quaresma mais elevados e no resto do ano, sendo ambos tabelados¹⁴. O texto não nos informa sobre diferenças de salários neste período, porque entre fins de Dezembro e 2 de Abril não se realizou nenhuma reparação de casa¹⁵.

Acerca da remuneração dos oficiais do cabido, a fonte limita-se a indicar o dia e o montante de alguns pagamentos efectuados pelo prioste, sem esclarecer em quanto importaria o total da soldada. A 30 de Março anotou-se a entrega de 12 libras a Domingos Vaasquiz, clérigo encarregue de «ver os capelaens»¹⁶. A 16 de Abril foram dadas 10 libras a Johan de Viana, procurador do cabido¹⁷. Em ambos os casos parece tratar-se unicamente da liquidação de parte da soldada anual.

Um outro documento proveniente também dos arquivos do cabido fornece a este respeito uma informação mais concisa.

Num espaço livre de um códice, um clérigo transcreveu a conta relativa a um funcionário, certamente a partir de uma fonte idêntica à que temos vindo a analisar. Vasco das Alcôvas entrara ao serviço a 1 de Novembro de 1333, contra o pagamento anual de 20 libras, mais «governo». À data a que a nota foi redigida, passado pelo menos o Entrudo, ele tinha já recebido adiantado do cabido em dinheiro e géneros, que empregou nos mais variados fins correntes, 5 libras, 1 soldo e 4 dinheiros, que lhe seriam descontados no pagamento final¹⁸.

O único assento deste tipo passível de nos revelar, talvez, quanto recebia anualmente em dinheiro um oficial do cabido em 1340-1341 é o relativo a Steve Martinz, porteiro, que em 24 de Junho recebe 25 libras¹⁹.

13

x_i	F_i	$x_i + F_i$
4 soldos e meio	4	18
4 soldos e 1 quarto	8	25 $\frac{5}{12}$
4 soldos	21	84
3 soldos	3	9
2 soldos	1	2
Soma	35	138 $\frac{5}{12}$

Média, moda e mediana = 4 soldos.

x_i = várias jornas de serventes.

F_i = dias de trabalho pagos pelo cabido.

¹⁴ Cf. G. Pereira, *ob. cit.*, I, p. 149.

¹⁵ Esta suspensão de actividade, as tarifas mais elevadas do princípio do ano à Quaresma, tal como a variação sazonal do preço do papel atreva apontada, ilustram a vulnerabilidade da actividade económica em relação às condições climáticas, mesmo tratando-se de artesanato.

¹⁶ *Livro das Despesas do Prioste*, fl. 21 v.º.

¹⁷ *Livro das Despesas do Prioste*, fl. 22 v.º.

¹⁸ Cf. G. Pereira, *ob. cit.*, I, p. 48.

¹⁹ *Livro das Despesas do Prioste*, fl. 24.

O *Livro das Despesas do Prioste* é completamente omissivo quanto a salários agrícolas. Ainda assim, pode obter-se uma ordem da grandeza relativa por analogia com as remunerações dos trabalhadores desqualificados que por duas vezes o cabido utilizou em serviços de guarda. A 29 de Março o prioste assentou o pagamento de 6 soldos a um seu criado, como recompensa pelas «jornas» de 2 dias que perdera²⁰. A 30 de Abril são entregues ao mesmo 4 libras e 4 soldos por 31 dias mais que permaneceu de guarda²¹, o que equivale a 2 soldos e 8 dinheiros e meio diários. Com pequena margem de erro, supor-se-á que a jorna de um homem na monda, na ceifa ou na apanha de cereal rondava os 3 soldos. À semelhança do que se dava na indústria, o trabalho agrícola especializado era consideravelmente mais bem pago; cite-se, a título exemplificativo, a jorna de um cavador de vinha, em 1333 ou 1334, cifrada em 5 soldos²².

Dos anos de 1379-1382²³ ficaram-nos, respeitantes a esta mesma área de Évora, vários tabelamentos de salários incluídos em posturas municipais. Revela-se instrutivo proceder à sua comparação com os elementos extraídos do *Livro das Despesas do Prioste*, sublinhando embora o carácter limitado e provisório que encerram as conclusões. Uma e outra fonte requeriam uma mais ampla confirmação. Depois, elas nada nos podem dizer acerca do período que as separa.

Nos salários artesanais é observável uma elevação nítida dos jornais, talvez tanto maior quanto mais especializado o mister²⁴. Pedreiros e carpinteiros passam de 7 soldos a 7 soldos e meio para 10 soldos²⁵. Nominalmente, o acréscimo é de 33 %, mas em termos reais seria maior, porque os preços agrícolas tendiam a baixar e com eles embaratecia a alimentação, principal componente dos gastos de qualquer orçamento popular. Aos serventes continuou a dar-se 4 soldos — pequeno aumento a que não será, certamente, alheio o afluxo de gentes às cidades e à indústria²⁶.

Nos campos sucedeu diferentemente. O trabalho especializado, a julgar pelo caso do cavador de vinha, pouco ou nada terá aumentado de preço. Em contrapartida, o trabalho braçal inqualificado subiu de 3 soldos para 3 a 4 soldos²⁷. A procura de mão-de-obra rural ultrapassava a oferta.

²⁰ *Livro das Despesas do Prioste*, fl. 21.

²¹ *Livro das Despesas do Prioste*, fl. 23.

²² Cf. G. Pereira, *ob. cit.*, I, p. 48.

²³ Cf. G. Pereira, *ob. cit.*, I, doc. LXXIX, pp. 127-154.

²⁴ Entre os artesãos não comparados por falta de elementos para 1340-1341 conta-se, por exemplo, o ferreiro, cuja jorna é tabelada em 20 soldos.

²⁵ Cf. G. Pereira, *ob. cit.*, I, p. 149.

²⁶ Cf. G. Pereira, *ob. cit.*, I, p. 142.

²⁷ Cf. G. Pereira, *ob. cit.*, I, p. 149.